

5  
ORACÃO  
FUNEBRE,

QUE PRE'GOU NAS EXEQUIAS

Do EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FR. ANTONIO  
DE GUADALUPE,

*IV. Bispo do Rio de Janeiro,*

CELEBRADAS (PRIMEIRO, QUE EM OUTRA PARTE DAS MINAS)  
ao sétimo dia da noticia, que da sua morte chegou á Villa do Carmo,  
na Igreja Matriz da mesma Villa, com sumptuosa magnificencia,

PELO MUITO REVERENDO PADRE

JOSEPH SIMOENS,

*Commisario do Santo Officio, e Vigario Collado  
da mesma Igreja,*

E OFFERECER

Ao EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FR. JOAÃO  
DA CRUZ,

Bispo do mesmo Bispado, do Conselho de Sua Ma-  
gestade, &c.

JOSEPH DE ANDRADA  
E MORAES,

*Clerigo Presbytero, formado em Canones.*

LISBOA:

Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRÃO.

Anno de M. DCC. XLIII. 1743

*Com todas as licenças necessarias.*

O R A C I O  
F U N E R E

QUE PRE.GOU MAS EXEQUIAS  
Do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor

D. F. R. ANTONIO  
DE GUADALUPE.

M. Bispo do Rio de Janeiro.

CELEBRADAS (PARTICULAR) QUE EM OUTRA PARTE DAS CIGARRAS  
no tempo da morte, e do sepulchro. Cigarras, e do  
no tempo da morte, e do sepulchro. Cigarras, e do

PELO MUITO REVERENDO PADRE  
JOSEPH SIMOENS

Commissario do Santo Officio, e Vigario Geral  
da mesma Igreja.

E O F U N E R E

Do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor

D. F. R. JOAO

D. A. C. R. U. Z.

Bispo do mesmo Bispado, do Conselho de Sua Ma-  
gestade, &c.

JOSEPH DE ANDRADA

F. M. O. R. A. E. S.

Carigo Presbytero, e Vigario da Cattedral.

L I S B O A :

Na Offic. dos Herdeiros de Antonio Pedroso Galvao.

Anno de M. DCC. LXXII. 1772.

Com textos de sempre applicados.



**EXC.<sup>MO.</sup> E R.<sup>MO.</sup> SENHOR.**



*PROVIDENCIA de Deos  
naquelle principio , em que  
creou tudo , não só fez correr no Paraiso Ter-  
real aquelle grande Rio , que o regasse todo;*

§ 2

*mas*

mas tambem produzio nelle a Arvore da Vida, que alimentasse, e alentasse para a immortalidade a todo o genero humano. E se no conceito do Apostolo tudo o que no tempo antigo acontecia, era figura do que agora vay succedendo: se no discurso do Sabio tudo o que agora vemos, he o mesmo, que já vio o Mundo nos passados seculos; não sey, que aquelle enigma do Rio, e da Arvore da Vida no Paraiso, podesse decifrar mais naturalmente outra disposiçã Divina, que a que estamos vendo. Era o Paraiso symbolo da Igreja: e para se appropriar á deste Bis-pado ( pois alguns Padres tem para si, que aquelle lugar de delicias fosse na America ) bastava sabermos, que aqui redundou já aquelle Rio tão impetuoso de virtudes, como o Excellentissimo Guadalupe; e que logramos hoje em V. Excellencia a mysteriosa Arvore da Vida, emblema da Cruz, com que V. Excellencia engrandece o seu Illustrissimo Nome. Só huma differença nóto desta copia áquelle exemplar; e he, que no prototypo a Arvore foy primeiro, que o Rio, e no exemplo precedeo o Rio á Arvore: mas lá foy mysteriosa a predecessã da Arvore ao Rio, como aqui a antecessã do Rio á Arvore foy enigmatica.

Por-

85

Porque como as aguas no Rio tem qualidades representativas, á maneira de espelho; ordenou a Providencia naquelle symbolo da nossa ventura, que o Rio fosse posterior á Arvore, para que vissemos nelle, como em transparente crystal, representadas as eximias virtudes, de que, como de frutos suaves, se havia de encher em Vossa Excellencia a Cruz, ou a Arvore da Vida. E no symbolizado succedeo a Arvore ao Rio: porque como estes costumão fecundar as plantas, só á margem, ou ao pé do crystallino, virtuoso Guadalupe, podia plantarse (como a de que fala o Psalmista) essa Arvore fecundissima de virtudes, e perfeições Evangelicas. E se no typo de tanta felicidade obsequiava o Rio no Paraiso as plantas da Arvore; onde haviaõ de ir parar as vozes, que do mystico Guadalupe, e pela sua falta, clamaraõ neste discurso em lagrimas, senaõ aos pés de Vossa Excellencia, a cuja excelsa sombra só estará seguro este papel das censuras, que merece, e o seu Autor protegido da critica, a que se expõem dando ao Prélo? Esta pequena victima consagra humildemente o meu affecto, e obrigação a Vossa Excellencia: pois por mais, que este discurso seja indigno de sobir a taõ soberanas

nas

nas mãos, eu me satisfaço com a fortuna do Rio, que beja o pé da Arvore, onde a mim me conduz, a veneração, como o destino ao Rio. E se este corre debaixo da sombra, ou da protecção daquellas; dignem-se Vossa Excellencia de deixar correr esta Oração debaixo dos auspicios do seu respeitoso, famigerado Nome; que eu seguindo a humildade das aguas terrestres, estarey sempre, como obsequioso criado, aos pés de Vossa Excellencia, em quanto se exalta, e dilata essa mysteriosa Planta, não só pelas raizes da Illustre Arvore, de que traz o seu excelso principio; mas pelos ramos da generosidade, que brota, pelos frutos, que produz da virtude; até que enchendo todos os espaços do Orbe com a sua grandeza, cresça até o Ceo com mais perpetuidade, e permanencia, que a que se representou áquelle Monarca de Babylonia. A Illustrissima Pessoa de Vossa Excellencia guarde Deos com a felicidade, e augmento, que desejamos os seus fieis, venturosos subditos. Villa do Carmo, 21 de Setembro de 1741.

Beja a mão de Vossa Excellencia  
Seu mais humilde criado, e obsequioso Capellaõ

Joseph de Andrada e Moraes.

# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Frey Francisco de Santo Thomàs, Religioso da Ordem dos Prègadores, Presentado em Theologia, Consultor do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**L**a *Oraçaõ Funèbre*, que prègou o M. R.P. Doutor Joseph de Andrada e Moraes, Formado em Canones, na Igreja Matriz da Villa do Carmo, em o Rio de Janeiro, nas Exequias do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio de Guadalupe, Bispo do Rio de Janeiro, e nomeado de Viseu; e nella naõ encontrey coufa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes; mas huma recopilada noticia da vida, e acções deste grande Prelado, illustrada com fermosos symbolos, e doudas allegorias, para as quaes se valeo o Autor das Divinas Letras, applicando-as engenhosa, discreta, e decentemente á gravidade, e gran-

grandeza do Assumpto. Por isto julgo, que  
naõ só o Autor, mas tambem o bem com-  
mum, tem manifesto jus á licença, que se  
pede: porque correndo perennemente este  
claro Guadalupe nas margens deste papel,  
em quanto naõ corre por beneficio das Chro-  
nicas em mais dilatadas margens, lograráõ  
assim os Bispos, como os Religiosos, hum  
crystallino espelho, a que se possaõ compor.  
Vossa Eminencia mandarà o que for servi-  
do. S. Domingos de Lisboa, 12 de Janeiro  
de 1743.

*Fr. Francisco de Santo Thomàs.*

**V**ista a informaçãõ, pòde-se imprimir a  
*Oraçaõ Funebre*, que se apresenta: e  
depois de impressa tornará para se conferir,  
e dar licença, que corra, sem a qual naõ  
correrà. Lisboa, 18 de Janeiro de 1743.

*Fr. Rodrigo de Lancastre. Teixeira. Sylva.*

*Soares. Abreu. Amaral.*

# DO ORDINARIO.

*Approvaçãõ do Muito Reverendo Padre Hippolyto Moreira, Religioso da Companhia de JESUS, &c.*

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

**V**I a *Oraçaõ Funebre*, que na Matriz da Villa do Carmo recitou com applauso universal o Doutor Joseph de Andrada e Moraes, na presença do mayor concurso, que até agora se tem visto, e admirado naquelle sumptuoso Templo; o qual se via inteiramente enlutado para mayor demonstraçãõ do sentimento de seus naturaes, que quizerãõ com lagrimas, nascidas todas de amor, e veneraçãõ, chorar a mortẽ de seu antigo Ray, e Prelado, o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio de Guadalupe, varaõ de tantas prendas, letras, e virtudes, que em todas as idades será perenne a sua memoria. Eu me persuado, que as mesmas margens do Rio de Janeiro, com linguas de prata, e clarins de ouro nunca já mais cessarãõ de apregoar o zelo, com que este vigilantissimo Pastor governou a todas as suas ovelhas; a promptidaõ,

§§

tidaõ, e disvelo com que precedia, e ensinava a todas com os seus bons exemplos; a excessiva caridade, com que soccorria aos enfermos, e necessitados; a inflexibilidade, com que se revestia nos pontos, e materias de justiça, e de mayor honra, e culto de Deos, sem se poupar a trabalho, nem perdoar a dispendios; porque só possuía para gastar com a sua Igreja, e com os seus thesouros, que são os pobres. Voltou daquelle Estado, ou novo Potosi, taõ destituido do necessario, que só trazia as mãos cheas de desapego, e desprezo de riquezas, e bens temporaes. A todas estas virtudes, e bons exemplos soube o R. P. Joseph de Andrada e Moraes, descobrir a sua fonte, e principio em huma allegoria taõ perfeita, taõ fluida, e taõ natural, que com a sua doçura cativa, e arrasta com huma suave violencia a todos os sentidos, para contemplar no transparente de tantos rios o crystallino de tantas virtudes, quantas se admiraõ neste exemplarissimo Prelado, como em espelho. O modo de fallar deste Prègador he claro, e profundo; os conceitos são taõ proprios, que parece vem nascendo. A liçaõ dos Santos Padres he grande;

de ; e sobre tudo , o engenho , e idéa desta  
Oração Patética não cede em piqueno cre-  
dito ao Autor da Obra. Em breves clausu-  
las absolueo Horacio huma allegoria da Náo  
com a Republica , pela difficuldade , que  
encontrava na contraposição de hum com  
outro extremo : *O' navis , referent in mare  
te novi fluctus : O' quid agis ?* Mas o nosso  
Orador em discurso tão vasto , soube com  
o claro , e agudo da sua comprehensão des-  
cobrir taes circumstancias , e igualdades na  
allegoria , e no allegorizado , que contem-  
plan o Rio Guadalupe , he estar vendo hum  
espelho do Senhor Bispo defunto , a quem  
as cinzas do Habito de S. Francisco , que  
professou , applicadas com arte pelo Orador  
ao mesmo crystal do Rio , fazem represen-  
tar com mais viveza a perfeitissima imagem  
deste exemplarissimo Prelado. Em dous Rios  
conclue o Autor desta Obra os louvores , e  
elogios do Excellentissimo Defunto : no Rio  
Guadalupe , e no Rio de Janeiro. Eu disse-  
ra , que o rio da sua eloquencia , e rheto-  
rica , não correo , ou concorreo pouco pa-  
ra as glorias deste Principe da Igreja ; por-  
que de tal forte soube adornar os seus dis-  
curfos , que cada palavra era hum mysterio,

cada periodo huma figura de Rhetorica, cada pagina hum modelo da sagrada Eloquencia. A proza he culta, e limada. Levanta conceitos com engenho, discorre com acerto, naõ faz estrondo com architectura de palavras, assim como Plinio o escreve dos grandes Rios: *Altissima flumina minimo sono labi*: porque discorre sem violencia, prova com naturalidade, e exorna com perfeição. Sendo tanto mais digno de estimação, e applauso este Funebre Panegyrico, quanto o tempo, que o Padre Prægador teve para se preparar para elle, foy mais diminuto, e limitado. He muito digno da licença, que pede. Lisboa, Casa Professa de S. Roque, 13 de Março 1743.

*Hippolyto Moreira.*

**V** Esta a informação, pode-se imprimir a *Oração Funebre*, de que trata a petição: e depois de impressa torne conferida para se dar licença para correr. Lisboa, 15 de Março de 1743.

*Dantas.*

# D O P A Ç O .

*Approvaçãõ do Muito Reverendõ Padre Me-  
stre Fr. Manoel da Cruz, Religioso da  
Ordem de S. Paulo, primeiro Ere-  
mita, &c.*

## S E N H O R .

**P** Or satisfazer ao preceito de V. Mage-  
stade, vi a *Oraçãõ Funebre*, que o M.R.  
P. Joseph de Andrada e Moraes prègou  
nas Exequias, que se celebraraõ na Igreja Ma-  
triz da Villa do Carmo, no Rio de Janeiro,  
pela morte do Excellentissimo, e Reveren-  
dissimo Senhor D. Fr. Antonio de Guadalu-  
pe, Bispo do mesmo Rio de Janeiro, e de-  
pois nomeado Bispo de Viseu: e confesso,  
que he taõ relevante a todo o discurso, que  
naõ he só para visto, mas tambem para ad-  
mirado; que só he para se admirar, o que  
se naõ pòde cabalmente comprehender: pois  
tanto sóbe de ponto nesta *Oraçãõ* o seu Au-  
tor a todo o discurso, que só esta mesma  
Obra he que pòde ser o seu proprio Pane-  
gyrista, pois só d'elle parece disse Plinio:  
*Sola tua tuis æquare opera possunt.* E como  
nesta

nesta Oração se eleva tanto a sua sciencia ,  
que se manifesta na mais sublime esféra; por  
isso suspendo os voos á minha penna , por-  
que a não veja censurada de destimida : que  
sempre aspirar a hum impossivel se avalia  
por temeridade. E por isso , Senhor , só di-  
go , que he tão singular esta Obra , que com-  
pondo-a o admiravel engenho do seu Au-  
tor toda de todos os Rios da Escritura Sa-  
grada , se não deve avaliar , se não por hum  
inestimavel mar de maravilhas. Por esta ra-  
zão , Senhor , e principalmente pela de não  
conter cousa alguma , que encontre o Real  
serviço de Vossa Magestade , a julgo muito  
digna da licença , que o seu Autor lhe pe-  
de. Vossa Magestade mandarà sempre o que  
for servido. Convento do Santissimo Sacra-  
mento , dos Religiosos de S. Paulo de Lis-  
boa , 18 de Março de 1743.

*Fr. Manoel da Cruz.*

**P**Ode-se imprimir vista a informação , e  
depois de impressa tornarà á Mesa para  
se conferir , e taxar , e dar licença , que  
corra , sem a qual não correrà. Lisboa , 30  
de Março de 1743.

*Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.*

Visto

90

**V** Isto estar confôrme com o Original,  
pòde correr. Lisboa, 29 de Março  
de 1743.

*Fr. Rodrigo de Lancastre. Teixeira. Sylva.  
Soares. Abreu. Amaral.*

**V** Isto estar confôrme com o Original,  
pòde correr. Lisboa, 30 de Março  
de 1743.

*Dantas.*

**Q** ue possa correr. Lisboa, 1 de Abril  
de 1743.

*Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.*

*Ad*

Este Livro contém o Original  
do Livro de Lisboa, de Março  
de 1748.

João de Almeida  
F. Rodrigo de Lancastre, Freixo, Silva  
João de Almeida

Este Livro contém o Original  
do Livro de Lisboa, de Março  
de 1743. por ordem do Real  
Consejo de V. Magestade.

João de Almeida  
de 1745. João de Almeida  
Freixo, Silva, Freixo, Silva  
Freixo, Silva, Freixo, Silva  
Freixo, Silva, Freixo, Silva

Depois de impressa a obra, e  
depois de impressa a obra, e

Freixo, Silva, Freixo, Silva  
Freixo, Silva, Freixo, Silva  
Freixo, Silva, Freixo, Silva  
Freixo, Silva, Freixo, Silva

AA

Visto



*Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur,  
ut iterum fluant. Ecclesiast. I. 7.*



A elevada pluma, que só para as presentes funeraes honras appareu delgadamente o Ecclesiastes, nunca os rios tiveraõ progresso, que não fosse maravilhoso; e na penetrante pena, com que o presente Estado Ecclesiastico dedica hoje as mais enternecidas memorias áquelle entutado Mausoleo, tambem não podiaõ deixar de ser mysteriosas as affluencias dos Rios. Rios de lágrimas são agora as saudosas offertas, com que o caudaloso impeto da nossa mágoa paga ao mar da Morte os devidos tributos do mayor pezar; para que imitando o insensivel das aguas na perennidade do seu fluxo: *Ut iterum fluant*, se eternize a saudade no sensitivo do seu pranto. Alli examinaõ esse abyfmo de confusões, onde a Parca escondeo a melhor vida; sahem, e tornaõ a entrar no mesmo lugar obscuro cuidadas as correntes do amor em fios de perolas: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur*; até que desengana-

engañadas de encontrar o Heróe, que choraõ, se despenhaõ outra vez, para se tornarem a sepultar nas amarguras do seu sentimento: *Revertuntur, ut iterum fluant.* Esta maravilhosa liçaõ tomaõ hoje huns Rios, que nunca paraõ nos seus extremos, de outros Rios, que sempre correm no seu destino.

Corre hum Rio, e outro Rio: todos os Rios correm do lugar para onde sahiraõ, para que tornem outra vez correndo para o centro, de que nasceraõ. Tanto pòde a inclinaçaõ, e o amor da natureza, que atè as aguas insensiveis naõ pòdem estar fóra do seu natural: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur, ut iterum fluant!* Talvez sahe do mar hum Rio cantando jucundo a sua fortuna, e fiado na pureza do seu ser immaculado, gyra a terra, rindo-se dos perigos, pois naõ tem porque os tema; atè que torna alegre para o abyfmo a pagar o tributo na morte candida, onde recebeo o candor da vida. Tal vez na companhia deste se defata outro das prizões de prata, o qual correndo placido com o exemplo, que lhe dava o primeiro; ao perdello de vista, começa a desfazerse em lagrimas, atè acabar choroso no Oceano, de que nascera, onde buscando por occultos meatos, por subterraneas grutas o outro Rio, que lhe fervira de espelho para a sua pureza; como o naõ distingue entre a confusaõ das aguas, anda em continuo moto, já discorrendo o infondavel dos mares, já vagando pela vastidaõ da terra, para abonar a razaõ dos seus sentimentos, que nun-

## FUNEBRE.

3

ca focegaõ : *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur, ut iterum fluant.* Isto que pôde succeder aos rios naturaes, de que fala Salamaõ, he o que succede a dous mysteriosos Rios, de que hoje tratamos na allegoria do Texto citado. Oh! E quem podéra deixar em enigma o allegorico, por escuzar mais ternuras ao coração! Mas se he preciso explicar o emblema, interpretem-no primeiro que os accentos truncados com soluços na lingua, os interpretes da mágoa nos olhos com vozes de pranto:

*Interdum lacrymæ pondera vocis habent.*

Ovid.

O primeiro Rio he o preclarissimo, e sempre amado Guadalupe; o segundo he o saudoso, e sempre triste Rio de Janeiro. Declaremos de huma vez todo o mysterio, porque sinta a alma todo o martyrio de huma vez. Faleceo da vida presente o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Frey Antonio de Guadalupe, IV Bispo do Rio de Janeiro, e eleito novamente para o Bispado de Viseu: faleceo sua Excellencia Reverendissima a 30 de Agosto de 1740 no Convento de S. Francisco da Cidade em Lisboa, onde tomou o habito da mesma Religiaõ em 23 de Março de 1701. E deste famoso Heróe ás eternas veneraveis memorias: *In memoria æterna erit Psal. 111. justus*, se confagraõ hoje nesse lugubre apparatusoso Cenotafio os inflamados affectos dos seus saudosos subditos. Prodigioso, ainda que fatal successo! Do mar da Divina graça, que he Deos, bebeo o clarissimo Guadalupe o impeto da santidade,

tidade, que o trouxe á Religiaõ: e como a Casa de Francisco he hum abyfmo de virtudes, para mostrar, que se formava purissimo Rio com a mayor torrente de perfeições, tomou sua Excellencia de Guadalupe o renome. Sahio alegre para dignissimo Bispo desta Diocesi, onde como Rio claro, foy espelho de virtudes: por cuja excellencia se chamaõ tambem Rios os primeiros Prelados, e Prègadores, que teve a Igreja, os Santos Apostolos: *Flumina dici possunt Apostoli,*

*Lauret.*

*Sylv. alleg.*

*verbo Flumen.*

& *Doctores*, diz Laureto.

E se todos os Pontifices faõ Rios, que devem regar as plantas racionaes com as agoas da vida; como naõ fahiria torrente do grande mar da Familia Serafica o nosso Excellentissimo Bispo, se para demonstrar as affluencias da graça, de que Deos o enchera, atè no renome de Guadalupe se fez Rio afamado? Anhelava este sagrado Rio tornar (como perola para a concha, de que nascera) para a cella, em que principiou a vida Religiosa. Comprio-lhe Deos estes desejos: tornou para o mesmo lugar, para o mesmo Convento, de que sahira em Lisboa: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.* Felice Rio! Venturoso Guadalupe! E foy para ficar alli, onde se desejava ver? Naõ, porque como Rio era preciso, que tornasse a correr: *Ut iterum fluant.* O curso, ou o ascenso era para Viseu: mas consumando em Lisboa a carreira da vida temporal, como Paulo em Roma: *Cursum consumavi;* correo para a eternidade, para repor no mar Divino a graça, que lhe tinha participado o Senhor,

*2. Timoth.*

4. 7.

nhor, e receber delle o premio das suas exemplares virtudes: *Homo est quasi fluvius assidue defluens in mortem, ut per eam refluat ad Deum, disse o A'Lapide.* *A'Lapid. in nostr. Textum.*

Ah! E como iria contente, como iria ri-sonho o clarissimo Guadalupe para Deos! Como iria gostoso o fiel servo do Senhor a gofar no seu transito da summa felicidade beata: *Serve bone, & fidelis, intra in gaudium Domini tui!* *Math. 25. 21.* Como iria satisfeito da preciosa morte, que teve, como de Santo em fim: *Pretiosa in conspectu Domini mors Sanctorum ejus!* *Psal. 115. 6.* Pois assim o considerava, quando appellidava Bispo Santo o Eminentissimo Senhor Cardeal da Motta ao nosso Guadalupe! Iria, em fim, com as mãos cheas de palmas cantando triunfos o Guadalupe candido, á maneira de outros rios, que descreveo David com semelhante ventura: *Flumina plaudent manu.* *Psal. 97. 8.*

Mas entre tanto, que o mystico Guadalupe assim corre para o mar crystallino da Gloria: *Mare vitreum simile crystallo;* que fará o Rio de Janeiro, que he o nosso segundo Rio? Que ha de fazer, senão accrescentar as torrentes do pranto, para ir buscar no mar da Morte o preclarissimo primeiro Rio, que foy o espelho, a que compoz a perfeição, em que vive? Pela reforma, em que se acha este Bispado, bem pôde dizer o Rio de Janeiro, que sahio, com o de Guadalupe, dos claustros de S. Francisco: corre ao mesmo lugar, onde se incorporou com o seu candido Prelado: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.*

E co-

E como o naõ acha, porque o levou Deos para si; torna a correr desconsolado, para chorar sempiternamente a falta, que lhe faz hum Heróe taõ virtuoso, correspondendo-se no modo possivel hum Rio, e outro Rio no fluxo, e refluxo, em que se affemeliaõ, quando chegaõ ambos ao mesmo lugar, no qual, senaõ se paraõ, se separaõ: *Flumina revertuntur, ut iterum fluant*. Porèm (ó assombro!) para que correm ainda estes dous Rios? Se o Rio de Janeiro, por mais que se despeñhe, já naõ pòde achar o pelago de virtudes, que venerava no seu amado Guadalupe, porque o absorbeo em si o mar da Morte; se este Excelentissimo Principe naõ tem mais que andar, porque a sua morte feliz o chegou a Deos, que he o centro de toda a felicidade: *Ut per eam refluat ad Deum*; onde vaõ, onde tornaõ a correr esses dous Rios mysteriosos: *Revertuntur, ut iterum fluant?*

A esta duvida, que he fundada na sabedoria de Salamaõ, só poderá satisfazer o juizo profetico de David seu pay. Diz o Real Profeta, que o curso dos rios he huma voz continuada, que *Psal. 92.* sempre se ouve: *Elevaverunt flumina vocem suam.*  
 3. Mas agora mayor duvida. Se os rios saõ muitos: *Flumina*, como he só huma a voz: *Vocem?* Parece, que fallava o Psalmografo só dos Rios, de que nòs fallamos, isto he, do Rio de Janeiro, e do sagrado Guadalupe. Este emmudeceo no gelo da Morte, aquelle fala com linguas de pranto, e dá vozes de suspiros pelo seu veneravel Prelado: por isso he só huma a voz, sendo os  
 Rios

94

F U N E B R E.

7

Rios dous: *Elevaverunt flumina vocem.* Mas como a mesma voz he commua a ambos os Rios: *Flumina vocem suam*, correm, e coirerão sempre as vozes do Rio de Janeiro, publicando a todo o Mundo a faudosa memoria, a memoravel fama do inclyto Guadalupe, como epitome de perfeições, que fazem a hum Prelado glorioso: para que gyrando por toda a redondeza o seu Excellentissimo Nome nos faudosos eccos, nas perpetuas lembranças deste Bispado, venhaõ a correr com perpetuo fluxo ambos os Rios, de que tratamos: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur, ut iterum fluant.* E esta será a empreza da nossa Funebre Oraçaõ.

**Q**ue pasmado, que suspenso, que triste considero hoje o Rio de Janeiro! Que tens, ó Rio, que entre as confusões da tua pena, pareces hum dos da Babylonia, onde sentados choravaõ as memorias de Sion os afflictos, e desamparados Israelitas: *Super flumina Babylonis illic sedimus, & fluvimus, cum recordaremur Sion?* Que tens, que colgando os instrumentos da tua alegria nas frondosas arvores, que te fazem sombra, padeces os tormentos da mayor mágoa: *In salicibus in medio ejus suspendimus organa nostra?* Mas que has de ter, se naõ suaves lembranças de Sion, e memorias tristes pela falta do teu Excellentissimo Bispo, que morreo no Sion Lusitano, como chamou Antonio de Serpa a Lisboa: *Ulyssippo Sionis: & flevimus, cum recordaremur Sion?*

*Anton.  
Serp. de  
Eucharist.*

Chóro ( diz, e deve dizer todo este Bispado

do do Rio) choro, porque me faltou em taõ excellente Prelado todo o goſto do meu coração:

*Thren. 5. Defecit gaudium cordis nostri; e nesta lembrança como não me hey de desfazer em prantos: Et fleuimus, cum recordaremur?* Choro, porque em

taõ vigilante Pastor me faltou a tibia sonora, que em faudaveis doutrinas me dava os avifos do Ceo, a suave cythara, que tocada com a pena da compaixão, me buscava os alivios: *Defecit ibi tibia, & cithara.* E nesta afflicção como não ha

de converterse em luto a minha alegria: *Versus Thren. 5. est in luctum chorus noster, & fleuimus cum recordaremur?* Choro, porque no preclarissimo Guadalupe me faltaõ para espelho do bom exemplo as

virtuosas aguas do Jordão: *Defecerunt aquae Jordanis:* e neste cuidado como não hey de augmentar as minhas correntes com o sangue da alma, distillado pelas fontes do amor: *Et fleuimus, cum recordaremur?* Choro finalmente, porque no Excellentissimo Senhor D. Fr. Antonio me falta o

Santo Prelado, que me governava com prudencia, e benignidade: *Quoniam defecit Sanctus.* E nesta faudosa memoria como não me hey de converter em lagrimas: *Et fleuimus, cum recordaremur?*

Oh memorias tristes, ternissimas lembranças de hum Principe taõ amavel, e taõ amante, como Jonathas, quem não ha de sacrificarvos hum perenne pranto, huma eterna faudade: *Et fleuimus, cum recordaremur!* Mas porque faiba o Mundo (ó magoado Rio de Janeiro) a causa justa das tuas lagrimas; em quanto a confusão

saõ

95

F U N E B R E.

9

saõ desta pena tem abfortas, e paradas as tuas  
 attenções: *Sedimus*, deixa correr do coração as  
 aguas da amargura, que padeces: *Et fleuimus*;  
 para que, ou como ambulas de crystal levem pe-  
 lo vasto mar do Orbe o Nome do teu Excellen-  
 tissimo Prelado, para reliquia, que deve uni-  
 versalmente venerar o respeito; ou como lin-  
 guas de prata repitaõ canoras as excellencias,  
 com que o Veneravel Guadalupe, rio de peren-  
 nes virtudes, tornou para o lugar, donde sahio,  
 para correr dalli taõ alegre, e contente para  
 Deos, como a ti te deixou aqui triste, corren-  
 do, e discorrendo nas suas memorias faudosif-  
 simas: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertun-  
 tur, ut iterum fluant: homo est quasi fluvius assidue  
 defluens in mortem; ut per eam refluat ad Deum.*

A primeira madre, de que sahio, ou o lu-  
 gar, em que nasceo o nosso espirital Rio, o  
 nosso chorado Guadalupe, he a celebre Villa de  
 Amarante, na Provincia de Entre Douro, e Mi-  
 nho. Deu o nome ao seu berço hum illustre Ca-  
 pitaõ Romano, chamado Amaranto Senecione.  
 He o Amaranto huma flor peregrina, e rara,  
 pois com differença das mais brota á maneira de  
 espiga, e não tem folhas. Neste florido, e fru-  
 tificante theatro deu a natureza a luz ao Excel-  
 lentissimo Senhor D. Fr. Antonio. Nasceo em  
 Amarante, ou Amaranto, como quem diz: Nas-  
 ceo em flor; pois não podia ter outra produçaõ,  
 quem nascia para dar, como deu, muitos fru-  
 tos de virtude no campo da Igreja: *Flores fru-  
 ctus parturiunt.* Não lhe faltou aquelle esmal-

Cantic. 7.

12.

b

te,

te, com que a fortuna imprime no fangue o caracter da nobreza; para nascer nobilitado o nosso venerado Bispo; pois foraõ seus genitores o Desembargador Jeronymo de Sá da Cunha, e sua conforte Dona Maria de Sequeira. Bem que destas honras do Mundo se desapegou todo o nosso peregrino Guadalupe; ou como rio, que foge do candido principio; que lhe dà o ser; ou porque como se creava para Sacerdote grande da Igreja de Deos: *Erat enim Sacerdos Dei Altissimi*; devia ostentarse sem pay, nem mãy, nem outros timbres, que lhe offerecia a sua nobilissima profapia; para que fosse reputado por verdadeiro Melchisedech dos nossos tempos: *Sine patre, sine matre, sine genealogia.*

O felice dia do seu nascimento foy a 27 de Setembro de 1672. Naõ me coube no tempo a averiguaçaõ do Planeta, que dominou no seu natal, para vermos no seu horoscopo a grandeza, que lhe prometiaõ os astros: porèm a admiravel vida do nosso inclyto Prelado nos assegura, de que foy mysterioso o dia, o mez, e o anno do seu natalicio. Ouanno, porque nascendo em hum seculo; que foy no de 1600, e falecendo em outro, qual he este de 1700, nos mostrasse, que este Sagrado Varaõ devia ser em muitos seculos celebrado, até chegarse a eternizar o seu glorioso nome no livro dos Escolhidos, como o daquelle Sapiente, e Beato, de quem falla Siracides: *Nomine aeterno hereditabit illum.* O mez, porque foy Setembro, e o fim del-  
le. Este he o tempo, em que regularmente prin-  
cipiaõ

cipiaõ as aguas: que por isso o nome de Setembro, que deu Numa áquelle mez, o derivaõ muitos (como adverte Bluteau) do Latino *Imber*, que significa chuva; pois nesta Estação do tempo, como dizia o Poeta:

*Blut. Voc. lit. S. tom. 7. p. 623. col. 1.*

————— *Jam veniunt ab æthere nimbi.* *Virgil.*

Cahiaõ os chuveiros do ar, quando nasceo o amabilissimo Guadalupe: pois como se creava para caudaloso Rio de virtudes, naõ lhe podiaõ faltar na sua origem as affluencias do Ceo, com que se augmentasse a torrente do seu espirito: *Spiritus ejus velut torrens inundans.*

*Isaia 30. 28.*

E parou aqui o mysterio do mez? Naõ, ainda passou mais adiante o seu prodigio para o nosso Heróe. Mez dos fortes chamaraõ os Antigos a Setembro, por cuja causa tal vez o Emperador Commodo o fez chamar Herculeo, ou Hercules, como escreve Herodiano.

*Fuent. Dig. ar. Hist. tom. 7. p. 3*

Só este mez era proprio para o nascimento de tal Principe, a quem destinou Deos para prodigioso Moyfés, que com mão forte havia de tirar, como tirou, a muitos do cativeiro da culpa; do Egypto do peccado: *In manu forti eduxit vos;* a quem creou,

*Herodian. apud Blut. ubi supra.*

e mandou o Altissimo, como Anjo de fortaleza,

*Exod. 13. 3.*

para ser Ministro da rectidaõ, como o do Apocalypse: *Vidi alium Angelum fortem descendentem de Cælo.* Por isso viveo o nosso Prelado sessenta

*Apoc. 10. 1.*

e oito annos, menos vinte e sete dias: os primeiros oito deu-os de ternura á sua infancia; os sessenta foraõ todos fortes, todos vigorosos na constancia da justiça para guardar, e defender

a Igreja de Deos, a Esposa do Divino Salamaõ:

*Cant. 3. 7. Lectulum Salomonis sexaginta fortes ambiunt: lectulum, id est, domum Sanctuarii Domini, lê a Versaõ*

*Chaldea apud A' Lapid. ib.* Caldéa. O' Setembro prodigioso, só tu verdadeiro enigma do tempo para os auspicios de tamanho Heróe! Por esta razão tal vez te chamou

*Vide Blut. ubi supra.* Antonino a veneraçã de Roma em obsequio daquelle Emperador do mesmo nome, a quem a compaixã do animo deu o renome de Pio, como emblema de que nos teus dias havia de ver a luz do Mundo o Excellentissimo D. Fr. Antonio de Guadalupe, taõ pio, taõ terno, taõ brando, como as mesmas aguas, que formaõ os rios no lugar, donde sahem: *Ad locum, unde exeunt flumina.*

Foy finalmente mysterioso o dia natalicio do nosso insigne Prelado, por ser o dia 27 do mez, em que nasceo. Diz Pedro Bongo, que o numero vigesimo setimo significa a abundancia da alma com os dons, que Deos lhe communica: *Vigesimalis significat ipsius animæ plenitudinem.* Naõ se devia menor numero á origem do nosso sagrado Guadalupe, para prefagio de que a sua alma, pura como o crystal, havia de redundar nas enchentes da virtude, em que Deos lhe poz o solido fundamento da sua gran-

*Psal. 88.* deza: *Plenitudinem ejus tu fundasti.* No dia 27 do

*12.* mez refere o Texto Sagrado, que libertara hum Rey de Babylonia a Joaquim Rey de Judéa do carcere, em que se achava fechado: *Vigesima septima die mensis sublevavit Evilmerodach Rex*

*4. Reg. 25. 27.* *Babylonis :: caput Joachim Regis Juda de carcere.*

Interpreta-se Joaquim , Preparação do Senhor: *Joachim, Præparatio Domini*, diz S. Epifanio: e hum Heróe, em quem Deos preparava tantas excellencias, como no Excellentissimo D. Fr. Antonio de Guadalupe, porque não havia de fahir do carcere materno, onde a natureza o tinha recluso, no vigesimo setimo dia do mez, em que nasceo: *Vigesima septima die mensis?*

D. Epiph.  
Serm. de  
Laud. B.  
Virg.

O' numero verdadeiramente enigmatico, enigma numerico, dia sempre fausto para os primeiros progressos do nosso Prelado esclarecido! Era o dia 27 do setimo mez do anno, quando a Arca de Noè descançou sobre os montes da Armenia: *Requievitque Arca mense septimo, vigesimo septimo die mensis super montes Armeniae*, diz Moysés; e este mez não era outro, mais que o de Setembro: porque o anno Solar, de que fala o Texto, principia em Março, como dizem os Mathematicos, e por esta conta he Setembro o setimo mez: *Mense septimo*. Ah! Excellentissimo Senhor! Quem nascia, como vós, para salvar tantas almas dos diluvios da culpa na taboada penitencia; quem nascia para ser na vastidão dos estudos, e na comprehensão das sciencias, outra Arca do Testamento, como chamou o Papa Gregorio IX a outro Antonio, Religioso Franciscano, e Portuguez, como vós: *Arcam Testamenti appellavit*; como não havia de pôr a primeira vez os pés na terra no dia 27 do setimo mez do anno Solar: *Requievitque Arca mense septimo, die vigesimo septimo?* Por este dia, por este mez, e por este anno, que he o do Sol, he que

Genes.8.4.

Eccl. in  
Offic. Div.  
Anton.

Ulyssip. ad  
Masut.  
lect. 5.

que devia principiar, e deve numerarse o vosso tempo, porque não ha outros algarismos para a idade de quem nasceo, como vós, só para brilhar candida luz em resplandores de boas obras:

*Math. 5. 16. Luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

Fóra da sua esféra se achava o nosso eclypfado Astro, em quanto não chegava na terra ao Ceo da Religiaõ Serafica, onde abrazado em chamas do Amor Divino, sahísem nas suas vozes, como em Visuvios da gloria, as faiscas daquelle fogo, em que ardessem as almas holocaustos da caridade; sendo este segundo Antonio de Portugal o incendiado Elias para ministrar

*Eccles. 48. 1. tanto sacrificio: Surrexit quasi ignis, & verbum ipsius quasi facula ardebat.* Estava violento nos espaços da terra: por isso deixados com as esperanças enganofas do seculo os estudos da Jurisprudencia, a que se applicou na Academia Conimbricense, e a Vara de Juiz de Fóra, que servio em Trancofo; voou para a regiaõ ignita, que na Familia Serafica se esconde ao Mundo.

Tomou o Habito em 23 de Março, proprio tempo de quem buscava a Religiaõ, para ser luz

*Math. 5. 14. do Orbe: Vos estis lux Mundi, pois foy aquelle o mez, em que se creou o Sol. Do Sol se podia*

chamar o Senhor D. Fr. Antonio: pois a Justiça, que tinha administrado em quanto Ministro temporal, e a que buscava para o espirito em quanto Religioso, lhe davaõ de justiça esse nome:

*Idem 13. 43. Fulgebunt justi sicut Sol. Mas (oh maravilha!) deixou o nome das luzes pelo das aguas; chamou-se*

moú-se

mou-se Fr. Antonio de Guadalupe, tal vez para que no desprezo, e humildade propria visse Lisboa controvertido o prodigio, que sonhou Mardoqueo na Cidade de Susa, onde se lhe representou aquelle enigma de huma pequena fonte, que cresceo a ser rio, e depois se trastornou em luz, e em Sol, que finalmente redundou em muitas aguas: *Parvus fons, qui crevit in fluvium, & in lucem Solemque conversus est, & in aquas plurimas redundavit.* Esth. 10. 1

O' fonte, ó Rio sagrado, cujos crystaes, por serem puros, se accendem em reflexos, de reflexos passaraõ a luz, de luz a rayos, de rayos a Sol: *In lucem Solemque conversus est!* Porèm se es Sol com resplandores de ouro, como tornas outra vez a desatarte em candores de liquida prata: *In Solem conversus, in aquas plurimas redundavit?* Mas que ha de ser, se este era o candido retrato do nosso clarissimo Guadalupe, que deixou os timbres da luz pelo emblema das aguas: *In aquas plurimas redundavit?* Saõ as aguas hum claro espelho da perfeiçaõ Religiosa, a qual consiste nos tres votos de castidade, pobreza, e obediencia, ou humildade. As aguas saõ taõ humildes, que beijao o pè naõ só á flor mais baixa, mas á planta mais rasteira, e atè se fometem ás pedras, que andaõ de baixo dos pès de todos. Isto imitou o Excellentissimo D. Fr. Antonio, que por se humilhar, e obedecer a todos, nunca na Religiaõ quiz cargos: O seu exercicio foraõ só humildades, e resignações sumissas: por isso tomou de hum Rio o nome, que

he

he Guadalupe, para estar corrente, e prompto para onde a obediencia o mandasse.

São tão pobres as aguas, que nada tem de seu, nada possuem; antes se tem alguma cousa, he só para servir aos homens. Criaõ o peixe para nos sustentar, e daõ-se a si mesmas em bebida, como sacramento da natureza. O seu fausto he nenhum; andaõ pelo seu pè tudo, o que correm; e ainda que tem corpo, não gastão ornatos. Tal foy o nosso inclyto Prelado em quanto Religioso pobre. Cobria o corpo com hum roto sayal, andava a pè, atè nas viagens dilatadas, como do Minho a Lisboa, ainda depois de eleito Bispo. O pulpito era o seu mais frequentado lugar, para dar a beber ás almas as saudaveis aguas da doutrina, com grande fruto, e edificação Catholica, pois sempre seguiu o estylo Ascetico. Nunca deixava o Confessionario, para lavar os espiritos das manchas da culpa. Todo era para servir ao proximo: as suas mãos occupavaõ-se em beneficios: os seus braços eraõ o reclinatório, em que espiravaõ os moribundos: as esmolas, que adquiria, todas eraõ para a Religiaõ: em fim, nada tinha, ainda que possuía tudo, só para dar, como Rio liberalissimo: *Nihil habentes, & omnia possidentes.* As aguas, finalmente, são tão puras, que são o retrato da pureza, e da castidade. Esta conservava o nosso Guadalupe animado com asperas penitencias, continuos jejuns, duros cilicios, cruentas disciplinas, e outras mortificações, fazendo-se perfeito Religioso no symbolo do Rio, de que tomou

2. Corinth.  
6. 10.

meu o nome: *In aquas plurimas redundavit.*

Mas para que tanta humildade, meu candidato Rio, para que tanto abatimento, meu Guadalupe claro, se essa mesma submissão vos está levantando á exaltação da Prelazia? A mesma Vara, que deixastes, como temporal Moysés, he o sinal mais certo, de que a havieis de reger, como Aaraõ sagrado; e não em outra parte, senão nesta Diocese do Rio, para onde profeticamente se dilatavaõ, quando a enterrastes,

os ramos da vossa vara: *Usque ad flumen propa-* Psal. 79:  
*gines ejus.* Quando confagraftes a Deos a insign- 12.

nia da jurisdicção Regia no Tabernaculo, ou Igreja, em que vestistes o burel Franciscano, plantastes a vara ao pè das correntes de Guadalupe;

para que florecendo, e produzindo flores, como a de Aaraõ: *Germinasse virgam Aaron* :: *Et* Numer.  
*turgentibus gemmis eruperant flores*, houvesse de 17. 8.

dar a seu tempo, como deu, por fruto o mais maduro Bago Episcopal, em que se sustentafem as vossas virtudes: *Plantatum est secus decur-* Psal. 1. 13  
*sus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore*

*suo.* Como vos fizestes Rio humilde, havieis de exaltar sabio em outro Rio a vossa gloria; e não em qualquer Rio, mas em hum, que tivesse a denominação de Bispado, como tem o Rio de Janeiro. Isto he o que quer dizer em perfeito anagrama (com mysterioso, e até agora incrutado vaticinio) o excelso Nome de Fr. Antonio de Guadalupe, com que professastes:

*FRET ANTONIO DE GUADALUPE:*

em Latin classico: *FRATER ANTONIUS*

*GUA-*

*GUADALUPENSIS*: e em anagrama rigo-  
roso: *GNARUS PRE FLUVIO, ANTISTES,*  
*ADNA*. Rara maravilha! mas prodigiosa cor-  
respondencia, com que se unirão no infondavel  
mar da Providencia Divina humas aguas com  
outras aguas, para se formar o nosso Guadalupe  
candido, á maneira dos rios naturaes, que fa-  
hem com inscrutavel segredo do abyfmo, don-  
de nascem: *Ad locum, unde exeunt, flumina rever-*  
*tuntur.*

Estes foraõ os excelsos predicados de sua  
Excellencia Reverendissima, os quaes moveraõ  
a Mageftade do Serenissimo Rey D. JOAõ V. a  
nomealo Bispo desta Diocesi em 25 de Novem-  
bro de 1722, cuja acertada eleiçaõ confirmou a  
Se Apostolica em 21 de Fevereiro de 1725; e  
com justiça grande: porque só estes, e feme-  
lhantes merecimentos devem edificar o Solio,  
em que se exaltem as Mitras. Com o argenta-  
do precioso cabedal das suas muitas, e precio-  
sas virtudes entrou o sagrado Guadalupe no mar,  
ou se embarcou a 2 de Junho do mesmo anno  
de 1725; e como era Rio, que havia de tornar  
a fahir do Oceano: *Ut iterum fluant*, aportou a 2  
de Agosto seguinte no Rio de Janeiro. Aqui,  
como em proprio lugar, se espraiou o nosso Rio  
preclaro, sem que nunca sahisse dos seus limites;  
para que conseguisse assim a grandeza de mar,  
no qual succede quotidianamente esse milagre  
com todos os rios: *Omnia flumina intrant in mare,*  
*& mare non redundat.*

*Ecclesiast.*  
1. 7.

Naõ sahio dos seus limites, porque sempre  
andou

andou em continuo trabalho, como rio sem socego. Diga-o a Visita geral, que fez neste Bispado com tanta reformaçãõ de costumes; os continuos Sermões, que prégava; as confissões, que ouvia; e até as doutrinas, que fazia aos mininos, e aos Ethiopes. Não sahio dos seus limites, porque sempre confervou a humildade, a pobreza, e as mais virtudes, que o constituiaõ verdadeiro observante Religioso. O tratamento na sua casa, e pessoa, mais parecia de Frade pobre, que de Prelado rico. Nunca vestio seda, nem permittio, que a sua familia a trajasse. A mesa era parca; e o seu Palacio mais era casa de Recoleiçãõ Franciscana, que Aula Episcopal. Em tudo soube (finalmente) reger-se com tal prudencia, e economia, que (para que não podesse perverter a sua modestia a affluencia, e abundancia, que tinha do Rio) poz severas leys ás suas mesmas aguas, ou acções, para que não sahissem dos limites da Religiãõ, de que nasce-  
 raõ taõ claras, como puras: *Legem ponebat aquis, Prov. 8. 29*  
*ne transirent fines suos.* Mas tudo o que para si foy limitado, ou limitaçãõ o nosso amado Guadalupe, foy redundancia, e corrente impetuosa para os pobres, aos quaes dedicava toda a substancia das suas rendas, como Abrahaõ aos tres Peregrinos, que hospedou huã noite, a agua que lhes offereceo aos pès: *Afferam pauxillum aquae, Genes. 18.*  
*& lavate pedes vestros.* Pois de tudo, o que he su-  
 perfluo á nossa sustentaçãõ, necessitaõ na terra os pobres, que saõ os pès de Deos, ao qual representavaõ os Peregrinos de Abrahaõ: *Tibi su-*

*D. Aug. Tract. 50. in Jo. n. post inii- tium.* *perflua sunt, sed Domini pedibus necessaria sunt: For- te in terra Domini pedes indigent,* diz Santo Ago- stinho.

Muitas, e todas heroicas virtudes exerci- tou o nosso amabilissimo Prelado nesta sua Dio- cesi: todas se achavaõ nelle, como na fonte de todas; porèm na misericordia, e na piedade era verdadeiramente Rio inexaurivel, era Guada- lupe perenne. Sejaõ testemunhas a Igreja de S. Pedro, que fez de novo; o Seminario, que edi- ficou; o Templo da Gloria, para que concorreo; os pobres, a quem soccorria com liberalissima mão. A despeza ordinaria das esmolas eraõ qui- nhentos mil reis por mez, que importaõ por anno quinze mil cruzados. Este poderà ser o ren- dimento do Bispado, segundo o calculo dos que õ consideraõ mais rendoso: e vinha a sustentar- se o bom Bispo milagrosamente com o mesmo, que dava; augmentando-lhe, e multiplicando- lhe Deos o mesmo, que o nosso Heróe repartia.

*2. Corinth. 9. 10.* *Augebit incrementa frugum justitiæ vestræ,* dizia Paulo: pois para accrescentar os frutos da sua

*Act. 3. 6.* caridade, dava o Excellentissimo Guadalupe tu- do, o que tinha, como Pedro: *Quod autem ha- beo, hoc tibi do.* Só a duas moças pobres deu pa- ra seu dote cinco mil cruzados; porque visse o Rio de Janeiro no seu caritativo Prelado, o que admirou Mira em semelhante caso com o seu Bispo S. Nicoláo.

Naõ fazia as esmolas publicas, porque a vã gloria na acção naõ lhe tirasse o merecimen- to da obra: dava tudo aos particulares necessi- tados,

tados, conforme o estado, e merecimento de cada hum, para que até na sua misericordia replandecesse a justiça, que sempre amou: *Dispersit, dedit pauperibus: justitia ejus manet in seculum seculi.* Sustentava muitos Clerigos indigenos, para fazer, como perfeito Religioso, o seu patrimonio commum com elles, á imitação da primitiva Igreja: *Erant illis omnia communia.* Finalmente, houve de ausentarse do Rio, e deixou aventajadas esmolas a todos os Conventos daquela Cidade. Isto sim, que he ser Rio, que não conserva a agua para si, mas para a dar a todos, os que nelle a buscão. He a esmola, como a agua: porque assim como esta apaga o fogo, assim resiste aos peccados aquella: *Ignem ardentem exinguit aqua, & eleemosyna resistit peccatis,* diz o Ecclesiastico. E como corriaõ taõ largamente para as esmolas os diques do sagrado Guadalupe, por isso o fizeraõ crescer na gloria desta virtude, para sahir Rio de tanta grandeza: *Exeunt flumina.*

O Euangelista Aguia vio hum Rio taõ soberanamente elevado, que as margens, por onde corria, craõ o trono excelso, em que Deos se assentava: *Ostendit mihi fluvium aquae vitae, splendidum tanquam crystallum, procedentem de sede Dei, & Agni.* Este Rio, que sobio a buscar no Empyreo o Solio, que mereceo a sua pureza, não sey, se era o purissimo Guadalupe, que depois de ser claro espelho de virtudes para nosso exemplo; depois de nos dar a beber as aguas da vida nas salutiferas doutrinas, que nos ensinava; se vay en-

entronizando na Bemaventurança pelas aguas, ou pelas esmolas, com que sustentava caritativo a vida dos mendigos, e necessitados. Mas o que sey, he, que a virtude da misericordia, com que se soccorre ao pobre, he o degráo mais fixo para sobir ao trono da Gloria. Grande a conseqüo temporalmente Salamaõ naquelle trono, que edificou; porque tendo o reclinatório de ouro purissimo, era a caridade o degráo, porque se sobia para elle. Via-se neste desenho taõ ardente aquella virtude, que se vestiaõ os degráos de purpura, como em final de que se inflamava o coração para o exercicio da misericordia, com que se repartia o ouro, de que era fabricada aquella obra taõ luzida: *Perculum fecit sibi Salomon ::: reclinatorium aureum, ascensum purpureum, media charitate constravit.* Sim, mas se a esmola ha de ser, como a agua, que nunca para de ordinario no Rio, para se communicar a munificencia aos que necessitaõ; como o ouro, ou o cabedal, com que se exercita esta virtude, ha de servir de reclinatório, em que o Sabio esmoler descanse: *Reclinatorium aureum?* Como? He pelo modo, com que o Sabio usou da sua riqueza, o qual he muito de notar na figura proposta.

Era de ouro o reclinatório: e que fazia Salamaõ repousando sobre este attractivo metal? Que? Meteo o ouro debaixo da cabeça, porque a avareza não lhe dominasse o entendimento; e não a cabeça de baixo do ouro, porque este não lhe cativasse o juizo: *Aurum capiti supposuit,*

*posuit, non caput auro.* Não quiz, que estando as riquezas superiores á parte eminente do corpo, lhe fizessem pezo, e carga, fim que o ajudassem, e aliviassem estando inferiores á parte principal do homem: *Gravari noluit opibus, sed juvari.* Sim descansava a cabeça no ouro, não pelo que era, mas pelo que, e para o que lhe servia. O ouro de sua natureza he duro, e só he suave em quanto remedio, para o que o necessita: e porque esta suavidade era para os pobres, e aquella dureza para o Rey caritativo; por isso acha nelle tanto repouso, descanso tão agradável: *Pulvinar ex auro confecit, sibi durum, egenis suave.* Finalmente, descansava o Sabio na mais doce quietação sobre o ouro, porque este lhe servia sómente para remediar a penuria dos pobres: *Tunc Frat. Jo-*  
*dulcius accumbebat, cum pauperum miseriam subleva-*  
*bat.* Tudo disse profundissimamente o Autor da *seph. Ca-*  
 Hierologia, e parece, que o disse só para o nos- *iet. in Hie-*  
 so misericordioso Heróe. *rolog. Di-*  
*vin. Verb.*

Não ha, nem pôde haver mais vivo retrato *part. 3.*  
 da idéa, que temos proposto, que o Illustrissi- *lect. 4.*  
 mo Guadalupe, a quem hoje choramos morto. *punct. 15.*  
 Este Excellentissimo Prelado dominou esta Dio- *num. 79.*  
 cesi, onde os rios tem o mais avultado, e rico  
 cabedal: extendeo o seu dominio até o Rio da  
 Prata na Colonia, e nestas Minas dominou os  
 rios, que são Pothosis de ouro, e thesouros de  
 diamantes. Todos estes rios parece, que haviaõ  
 de concorrer para fazerem ao nosso Guadalupe  
 abundante de riquezas. Não sey, que assim fosse,  
 porque as suas affluencias eraõ só de dons  
 Cele-

Celestes, e não de terrestres donativos. Mas se alguma minima, e quasi indivisivel parte dos mineraes destes rios chegava por caminhos justos ao nosso Guadalupe; que faria este Rio puro, e sagrado? O mesmo, que faz o rio com o ouro, que se cria nas suas arêas.

O rio, em que nasce o ouro, logo desde as suas fontes, ou principios, deixa o precioso metal por baixo, e a agua corre por cima delle: *Aurum capiti supposuit, non caput auro.* O pezo do ouro não opprime o pendor, ou o pondor do rio; porque o metal sempre fica inferior, para que não grave, e aggrave com maculas o crystallino candor das aguas: *Gravari nolit opibus, sed juvari.* Se a agua corre, e se precipita sobre o ouro, só lhe desfruta a dureza; e o que este metal tem de precioso, e suave, o deixa o rio para remedio das necessidades: *Pulvinar ex auro confecit, sibi durum, egenis suave.* Se alguma vez (em fim) descança o rio, he quando o deitaõ fóra da madre, ou da sua natural correnteza; porque só entaõ dà lugar, a que se lhe rompaõ as entranhas, e se lhe tire o ouro para alivio da miseria dos pobres: *Tunc dulcius accumbebat, cum pauperum miseriam sublebat.* Assim desempenhaõ os rios, que dominou o Excellentissimo Guadalupe, o glorioso emblema do esmoler; e a esta imitação procedeo liberal, e caritativo o nosso preclarissimo Heróe, para sahir Rio de tanta grandeza, quantas forãõ as ingentes virtudes, que o fizeraõ grande: *Exeunt flumina.*

Porém

Porém se o Rio, como prodigo, tudo dá, e o nosso Guadalupe reservou tanto, quanto dispoz no seu pio testamento; como pôde compadecerse no Guadalupe candido a retenção do cabedal com o destino do Rio, que nada guarda para si? Mas oh! que esta reserva não pôde tirar a gloria de esmoler ao nosso Rio mystico, antes lha accrescenta. O dictame, com que se regula a prudencia na conservação de algum cabedal para as occasiões, que são justas, e honestas, não se oppoem á pobreza do espirito, com que vivem os virtuosos. Tal vez o que he Santo reserva alguma riqueza, para acudir a seu tempo ou ás suas necessidades, ou á dos seus pobres. Isto fizeraõ muitos Justos: e o Senhor de todos o fez assim, quando para formar, e informar a sua Igreja nesta regra prudencial, tambem guardava em deposito o que lhe parecia necessario: *Ubi non* (diz o Veneravel Beda) *hoc Bed. lib. 4. præceptum esse putandum est, ut nihil pecuniæ reser-* cap. 54. *in*  
*vetur à Sanctis, vel suis scilicet, vel pauperum usi-* Luc. 12.  
*bus suggerendæ, cum & ipse Dominus, cui ministra-*  
*bant Angeli, tamen ad informandam Ecclesiam suam,*  
*loculos habuisse legatur.* E isto mesino he, o que tambem praticou a eximia prudencia do Excellentissimo Senhor D. Fr. Antonio de Guadalupe.

Naõ guardava para si cousa alguma do que testou, mas para os seus parentes, e familiares, a cujo favor se lhe concedeo Indulto Pontificio ao nosso Prelado, para que lhes podesse deixar o que lhes deixou. O mais foy para a sua Sè do

Rio de Janeiro, cá qual deixou o resto do que possuía, para informar plenamente a sua Igreja, e nella a todo o Mundo: *Ad informandam Ecclesiam suam*, que aquelle dinheiro, como redundancia de tão generoso Rio, tornava outra vez para o lugar donde sahirá: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur*. Até nisto imitou o virtuoso Guadalupe aos rios naturaes. O rio por mais riquezas, que encerre, todas as larga, e de todas foge: os homens lhe buscão o cabedal, tiraõ-lhe sem repugnancia das mesmas aguas: se lhe não buscão o thesouro, o vay correndo o rio apressado fó para fogir da opulencia; e se reserva algum ouro, sempre o deixa no lugar, onde o produzio provida a natureza. Assim o observou pontualmente Sua Excellencia Reverendissima; pois como Guadalupe pobre, e desinteressado, ou deu o que tinha, ou o deixou bem applicado, para que podesse correr sem os enganos, nem pendores, que costumão fazer os bens temporaes, a buscar os eternos, no mar tranquillo da Eternidade Beata: *Ut iterum Juant: homo est quasi fluvius assidue defluens in mortem, ut per eam refluat ad Deum*. O verdadeiro pay dos pobres, e sempre amante da pobreza, e por isso coroa illustre dos Prelados, como Santo Agosti-

*Eccles. in* nho: *Amatorem paupertatis, summum decus Pra-*  
*Offic. D. sulum!*  
*August.*

Pay fostes brando, terno, e amoroso, o excelso Principe, não fó porque com entranhas de piedade soccorrieis os pobres, aos quais trataveis, como a filhos; mas até no castigo, por-  
 que

que na precisa necessidade de castigar, só os fa-  
zieis, como pay amante. Porém que muito, que  
succedesse assim, se fostes verdadeiramente Rio,  
cujos impetos (na apparencia furiosos) eraõ (na  
realidade) suavissimas ternuras, ó amabilissimo  
Guadalupe? Muitos (com pouco discurso, e me-  
nos conhecimento dos interiores humanos) at-  
tribuiaõ a rigor do genio, castigar o nosso Pre-  
lado alguns delictos sem culpa formada; sendo  
assim, que a punição era tão leve, como negar  
hum despacho para o exercicio das Ordens, o  
qual logo se facilitava, em constando da emen-  
da do delinquente. Ha mais brandura, ha mais  
amor para punir? Mas que me assombra, se era  
Rio puro com correntes de paternal affecto, o  
nosso amado Guadalupe? Por isto eraõ tão bran-  
dos, e suaves os seus castigos. Tambem os rios  
tem seus impetos: talvez os assopros do Nor-  
deste lhe fazem levantar huma mareta: talvez  
a insufflação do Sul o faz alterar em ondas. E  
daqui nasce, que se ouviraõ muitas vezes no  
Rio as alteradas vozes, que não são naturaes  
nas aguas, senão quando sahem fóra do seu na-  
tural: *Elevaverunt flumina fluctus suos à vocibus Psal. 92.  
aquarum multarum.* Porém todas estas furias dos  
rios paraõ, em que? em nada: quebraõ-se as  
ondas sem estrondo, desfazem-se as maretas sem  
rumor. Assim succedia ao nosso preclarissimo Pre-  
lado.

Entrava neste Rio sagrado o ar das informa-  
ções, corriaõ, e concorriaõ para elle os asso-  
pros, ou as noticias dadas com este, ou aquel-

le ar: e por mais que parecia enfurecerse o Rio para absorber os culpados, o que queria afogar eraõ só as culpas, e que salvos os delinquentes experimentassem, como experimentavaõ depois os emendados, correntes de amor, torrentes de compaixaõ. Intentava Sua Excellencia sómente evitar os peccados, sem que perecessem os subditos, nem perdessem a reputaçãõ: por isso castigava como Rio. O Rio de tal forte tira as manchas, que para lavar as nodoas, não faz estrepito, nem perde a suavidade, que tem naturalmente a agua. Esta he a verdadeira nõrma de hum Prelado Ecclesiastico, castigar os seus subditos. Lavem-se as nodoas, he justo, mas sem estrondo: tirem-se as maculas, he santo, mas sem rumor. Porém esta empreza taõ suave, e conveniente, quem a havia de seguir, senaõ o Guadalupe brando, o nosso chorado, e mystico Rio, se era só, e propriamente sua? A figura do Juizo contencioso, ainda que possa purificar o culpado, nunca lhe evita a infamia, em quanto apura, e mostra a sua innocencia; e ainda depois de livre, sempre lhe ficaõ vestigios de que foy accusado réo de algum delicto. Por isso não praticava este systema o nosso candido Rio, porque sem estrepito judicial lavava as manchas, e deixava o credito do subdito, em vez de escurecido, candido, e puro, como a mesma neve: *Lavabis me,*

*Psal. 50.*  
9.

*& super nivem dealbabor.*

*Ibidem.*

Ha peccados, que basta agua benta para os lavar: *Asperges me byssopo, & mundabor;* e para estes

estes não se devem usar remedios mais fortes, visto que os cura a agua branda. Mas se os peccados não forem desta qualidade, que remedio? Agua, e mais agua, que elles se curarão, como os curava o nosso virtuoso Guadalupe. *A Origen. de lepra, de que curou a Naaman o Profeta Eliseu, div. homil. no sentir de Origenes, S. Bernardo, e outros 5.* Padres, era symbolo de muitos, varios, e mais graves peccados: mas bastou a agua do Jordão applicada a tempo pelo Profeta, para sarar aquelle Principe de tão contagioso mal: *Lava- 4. Reg. 5. re septies in Jordane, & ::: mundaberis. O Jordão 10.* he rio do juizo, e quando este se applica á cura do peccador em nome de Deos, como fez Eliseu, todos os remedios são tão faceis, como agua; e por isso o nosso Rio mystico sarava com facilidade, e felicidade a tantos leprosos da culpa: *Lavare, & mundaberis.* Bem he verdade, que ha cegueiras tão obstinadas no peccado, que parece, que ou tem reduzido a fragilidade humana á natureza de brutos, ou que fechados os olhos da razão, não pôde o peccador ver já a luz da verdade, para se conhecer, como o outro, que para figura destes nasceo cego: *Cæcus nasceretur.* E supposto que *Joan. 9. 2.* para semelhantes cegueiras se curarem seja necessario milagre, este o faz a agua, como o fez a da Piscina de Siloè, onde Christo bem nosso mandou, que se lavasse aquelle cego: *La- Ibidem n. vit, & venit videns:* para nos ensinar, que todas as vezes, que Deos concorre para a conversão dos perversos, a que devem só attender

os Ministros sagrados, não he necessario fogo, que queime; basta a agua, que abrande, como se vio no nosso Excellentissimo Prelado.

Ah! e quantos triunfos conta, e canta o nosso preclarissimo Rio destes seus compassivos impetos! Corações ha tão obstinados, que imitaõ na dureza aos marmores, e outras pedras, que resistem ao fogo, e ao ferro: mas nenhum foy tão duro, que resistisse ás brandas aguas do nosso Guadalupe. Molle, molle fazia o seu effeito, e cavando pouco a pouco na dura pedra do vicio rebelde a agua branda, fazia cessar a pedra do escandalo com edificaçã Catholica, recebendo o obstinado com huma nova fórma da graça o transparente licor da vida pura, bem como se introduz no duro penedo a agua molle:

Ovid.

————— *Quid mollius unda?*

*Dura tamen molli saxa cavantur aquâ.*

E depois de conseguir estas vitorias do vicio, se recolhia o suave Guadalupe ao seu costumado focego do espirito, á tranquillidade do seu coração pacifico, de que só o faziaõ fahir os excessos dos subditos, que lhe inquietavaõ a consciencia: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.*

Tornaõ para o mar todos os Rios, e como no Excellentissimo Guadalupe eraõ tão impetuofas as correntes da sua virtude, ellas o fizeram voltar ao Oceano, para tornar a correr:

*Revertuntur, ut iterum fluant.* Voltou este sagra-

do Rio para o mar, porque corresse o Guadalupe

lupe depois do mar para Viseu. Bispo daquella Diocesi o destinou eleição soberana, por conhecer ElRey Nosso Senhor, que a tanto Sol era pequeno hemifério hum Bispado, a taõ vasto Oceano de excellencias era abbreviado termo hum só Rio. A alma candida do Guadalupe Sagrado desejava tornar para o lugar, onde se edificara na vida Religiosa; e por isso a queria seguir o corpo já cansado dos annos, e dos trabalhos.

*Vult fugientem animam corpus inane sequi,*  
cantava hum Poeta de outro Antonio o Abbade, chamado por antonomazia o Grande. Partio o Excellentissimo Senhor D. Fr. Antonio, do Rio de Janeiro com faude: chegou enfermo a Lisboa: recolheo-se ao seu Convento: e como só suspirava por tornar para aquella Casa, donde havia sahido o Sagrado Guadalupe: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur;* alli chegou, para alli correo: e como se alli fosse o ultimo termo de taõ grande Rio, alli o chamou Deos para si com santa, e invejada morte: *Ut per eam refluat ad Deum.*

Quiz padecer a mortal doença na Enfermaria commua do seu Convento, porque como era pela humildade abatido Rio, tambem devia ser commum o lugar onde cahisse, ou se deitasse para correr para a morte: *Omnes morimur, & 2. Reg. 14. quasi aquae dilabimur in terram.* Não teve cama<sup>14.</sup> propria, e foy necessario, que lha dêssem para o transito, como succedeo a Santo Thomàs de Villanova. Morreo ditosamente a 30 de Agosto, para

*Eccles.  
in Offic.  
ejusd. diei,  
lect. 3. ad  
Matut.*

*2. Macab  
11. 30.*

*Genes. 25.  
18.*

*In fin. Bi.  
bl.*

para que o Excellentissimo D. Fr. Antonio nobilitasse a este mez com mais troféos da immortalidade, que alcançou na Curia Celestial, do que o honrou Augusto com os triunfos, que no mesmo mez reportou de Marco Antonio, entrando vitorioso no Capitolio Romano. Era dos Santos Felix, e Aducto o dia do seu obito: para nos mostrar, que este foy feliz, e com grande augmento da coroa da Gloria, que piamente cremos goza seguro na Bemaventurança: *Adauctus ad coronam.* Esta segurança nos dà o seu venturoso falecimento a 30 daquelle mez, a cujo dia o chegou Deos, para que lhe dèsse no Paraíso o lugar da sua mão direita, depois do desterro deste Mundo; melhor do que dava a mesma mão, para os segurar, ElRey Antiocho áquelles Israelitas, que tornassem até os 30 de outro mez, em quanto durava o cativoiro dos mesmos Hebreos na Syria: *His igitur, qui commeant usque ad diem trigesimum mensis Xanthici, damus dextras securitatis.*

Faleceo felice nos braços dos Religiosos seus Irmãos, espirou na suspirada presença de todos elles, como venturoso peregrino Ismael: *Coram cunctis fratribus suis obiit.* Ismael quer dizer: O ouvir de Deos: *Ismael, exauditio Dei;* e até nesta circumstancia da morte mostrou Deos, que ouvia, e despachava bem ao preclaro Guadalupe, pois lhe deu a consolação de que finalizasse a carreira da vida no mesmo lugar; onde recebeo as correntes da graça com o mysterioso nome de Rio: *Ad locum, unde exeunt, flumina*  
rever-

*revertuntur: coram cunctis fratribus suis obiit.* Rara ventura! Mas ainda teve mayor felicidade o nosso já inanimado Guadalupe: e foy, que depois de morto, como se quizesse tornar a correr, ficou flexivel, e apto para se mover, como se estivera vivo; e assim esteve insepulto, e exposto á veneração da Corte: mostrando assim, não só, que a sua alma era crystallino candor para a immortalidade da gloria; mas que tambem o seu corpo não se corrompia, como a agua, que sempre está a correr do mar, donde sahem os Rios: *Unde exeunt flumina.* Porém se a morte he como a vida: *Talis vita, finis ita;* sendo a vida do Excellentissimo Guadalupe tão pura, como a dos Justos, porque não havia de ser a sua morte tão preciosa, como a dos Santos: *Pretiosa in conspectu Domini, mors Sanctorum Psal. 115. ejus?* 6.

Finalmente mandou no seu testamento, que o seu cadaver fosse sepultado no cemiterio, ou sepulcro commum da Religiaõ, onde descança em paz; ou para demonstrarnos, que por humilde pertendia fazer desconhecida a sua sepultura, como he a de Moysés: *Non cognovit ho- Deuter. mo sepulchrum ejus;* ou que da neve derretida das suas cãs, coroava o cemiterio com o esmalte de innocentes candores: *Communi paræmia dici- Hierol. tur, canitiem esse florem cæmeterii, seu florem sepul- Div. Verb. chralem;* ou que coroava a sua sepultura com as *part. 3. flores do seu faudoso, e veneravel nome de An- lect. 4. tonio: Antonius ab Anthos, Latinè Flos.* Ah! flo- punct. 15. res humanas, que por mais, que vos fingís du- n. 85. raveis,

raveis, e pomposas, não podeis deixar de mostrar, que sois funestas, e caducas. Não fey, que mysteriosa correspondencia tem entre si o fim do homem, com o seu principio. No principio nasce como flor mimosa; e no fim acaba, como destrocada flor: *Quasi flos egreditur, & conteritur.* Este desengano nos dà o nosso claro Guadalupe no sepulchro, que elegeo para ser flor de cemiterio: *Canitiem esse florem cæmeterii,* onde restituisse ao tumulo em candidas, defmayadas assucenas, o que lhe deu o berço em florecentes, mimosas maravilhas do Amarantho: *Quasi flos egreditur, & conteritur.* Se já não foy, para que conhecessemos, que assim como a natureza o produzio em Amarantho como flor para frutificar, assim o transplantou a morte para o cemiterio, para ser flor do sepulcro: *Florem cæmeterii,* como final de que, como flor perpetua, será por toda a eternidade flamante, luzido do fulgor do Empyreo: *Quæsi stellæ in perpetuas æternitates.* Em fim era o nosso memoravel Heróe hum Guadalupe candido: por isso se manda enterrar no cemiterio, que he o sepulcro commum; pois os rios não tem lugar particular, quando acabaõ a sua carreira; porque todos se sepultaõ, quando morrem, no mesmo tumulo de crystal, o mar, digo, donde todos fahem a correr, quando nascem: *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.* Se já não foy, que mereceo a sepultura no seu Convento o nosso candido Rio, para que ahi ficasse o corpo, como Reliquia, no tumulo, onde a beneficios da graça.

graça lançou pela vocação, e profissão Religio-  
sa os primeiros fundamentos da vida mais san-  
ta: á maneira do milagroso successo, que hou-  
ve, para se tumular o corpo de S. Raymundo  
Nonnato: *Ut ibi* (diz a Igreja na Lenda deste  
Santo Catalão:) *Ut ibi tumularetur, ubi prima je-  
cerat sanctioris vitæ fundamenta.*

Estes são os heroicos, admiraveis princi-  
pios, progressos, e fins do nosso Rio mystico,  
do nosso lamentado Guadalupe, cujas saudosas  
lembranças viverão sempre nos clamores, e nos  
suspiros do Rio de Janeiro, para que fazendo  
ecco no templo da Fama, gyre sempre o nome  
destes dous grandes Rios só na voz, que se ou-  
ve de hum para se dilatarem ambos: *Elevave-  
runt flumina vocem suam: Revertuntur, ut iterum  
fluant.* E destas memorias da vossa virtude (ain-  
da que tão diminutas, e succintas, como pode-  
ria ficar o immenso pelago, se se quizesse reco-  
lher em breve concha:) E destas memorias (di-  
go) da vossa virtude, ó Sagrado Principe, de-  
stes conceitos da nossa saudade se formão no  
coração fluidas palavras da dor, que articula-  
das com linguas de pranto nos olhos, são fieis  
epitafios, que correm, e correrão sempre pe-  
lo Mundo: *Iterum fluant*, para eternizarem o  
vosso respeitoso Nome em laminas de crystal,  
espelhos do amor. As aguas lacrymantes deste  
vosso Rio, ou Bispado, chegando a essa ma-  
gestosa Urna, se accendem em fogo de enter-  
necidos affectos, por ver, que nesse mar negro  
da morte se esconde com o Guadalupe candi-  
do,

*Jof. 3 16.* do, todo hum Jordaõ de virtudes pãrado, e sem movimento: *Steterunt aquæ descendentes: : : quæ autem inferiores erant in mare solitudinis (quod nunc vocatur Mortuum) descenderunt, usquequo omninò deficerent.* Porèm como essa Pyra toda he de luzes, nella se derretem as almas, como cera, para que torne a sahir lãcrymoso o Rio: *Ut iterum fluant,* e perpetue em lagrimas perennes a sua saudade continua.

*D. Ambr.  
Orat. in  
mort. The-  
odos.*

O coraçãõ dos vossos amantes subditos (ó amabilissimo Prelado) com razaõ se quebra, para se desfazer em pranto, porque nos faltais vós, e comvosco nos falta tudo, sem que se possa achar facilmente outro todo de perfeições Episcopaes, como vós fostes. *Conterror corde, quia ereptus est vir, quem vix possumus invenire.* Tantas eraõ as vossas virtudes, que vos podemos repetir este Elogio com a mesma synceridade, com que o recitou Santo Ambrosio do Emperador Theodosio na sua morte: *Conterror corde, quia ereptus est vir, quem vix possumus invenire.* He bem

*Job 14.5*

verdade, que a morte vos colheo maduro pela prudencia, pela justiça, e atè pelos annos: mas se estes foraõ para a idade, que Deos vos determinou, os que bastavaõ, pois naõ podieis exceder aquelle termo: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt;* para o Mundo, e para lhe dar exemplo, foraõ certamente poucos,

*Cicer in  
Obitu Ca-  
sar.*

como proclamava Cicero no funeral do seu Cesar: *Vixisti ætati satis, parum certè Reipublicæ:* pois a vida dos Heróes esclarecidos, por mais que seja longeva, sempre he breve, e diminuta.

Essa

Esta he a nossa mayor mágoa, a qual será em nós perpetua, porque á falta, que nos fazeis, e ao pranto, que derramamos por vós, não há quem possa dar-lhe consolação, nem allivio: *Lacrymæ ejus in maxillis ejus: non est, qui console-* Thren. 1. 2.  
*tur eam.* Só se o achamos, como o esperamos, naquella illustre Planta, naquella Arvore racional, que creada mysteriosamente, para vos succeder na dominação, ás margens desse Rio pu- Quando morreo este Pre-  
 ro, nos está prometendo muitos frutos de vir- lado, ha-  
 tude, muitas flores de suavidade, e fragrancia via mui-  
 santa, como aquelle elevado ramo, de que fal- to tem-  
 lava David, que ao mesmo tempo, que era Va- po, que  
 ra para medir com rectidão a justiça, tambem o seu suc-  
 era Baculo para consolar os animos com pieda- cessor es-  
 de: *Virga tua, & Baculus tuus, ipsa me consolata* tava elei-  
*sunt.* Por esta Arvore Excelsa suspira já o nosso to.  
 Rio, fecundando as suas heroicas Plantas com Psalm. 22.  
 as nossas lagrimas; as quaes formando hum no- 4.  
 vo, e dilatado mar de saudosos, e pios desejos: Thren. 2.  
*Facta est velut mare contritio tua, intentão, que* 13.  
 navegue por ellas o Excellentissimo, Reveren- 13.  
 tissimo Senhor D. Fr. Joaõ da Cruz, para que  
 neste Lenho Sagrado, como animada Náo, nos  
 traga o pão da doutrina, com que nos sustente  
 no santo temor de Deos: *Quasi navis institoris* Prov. 31.  
*de longe portans panem suum.* E se além deste alli- 14.  
 vio, de que se vivificaõ as nossas mortificadas  
 esperanças, podemos na vossa falta ter outro,  
 ó Excellentissimo Principe, he só na considera-  
 ção pia, de que o grande impeto do amor, que  
 tivestes a Deos, e ao proximo, vos fez entrar,  
 como

como Rio canoro, a encher de alegrias, e jubila-  
*Psalm. 45* los a Cidade da Gloria: *Fluminis impetus lætifi-*  
 5. *cat Civitatem Dei*; onde pelas vossas eximias vir-  
 tudes, ó veneravel Guadalupe, vos considera  
 a piedade descanfando no centro da graça; con-  
 vertido o crystal da fantidade em perpetua luz  
 da Bemaventurança; que Deos vos terá já da-  
 do, e nós lhe pedimos humilde, e devotamen-  
 te, que vos dê. *Requiem æternam dona ei, Do-*  
*mine, & lux perpetua luceat ei.*

